

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISAS IDENTIDADES E  
ALTERIDADES: DESIGUALDADES E DIFERENÇAS NA  
EDUCAÇÃO

**REPRESENTAÇÕES IDENTITÁRIAS: LITERATURA, HISTÓRIA E MEMÓRIA  
NAS NARRATIVAS DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Área de Concentração: Ciências Humanas, Linguística, Letras e Artes

Código: PVE4128-2016

Bolsista/COPES: Daynara Lorena Aragão Côrtes

Nº Matrícula: 201320017364

Orientadora: Jeane de Cássia Nascimento Santos

Departamento de Letras – DLI

**Relatório Final**

**Agosto/2016 a Julho/2017**

DAYNARA LORENA ARAGÃO CÔRTEZ

**PRODUÇÃO PÓS-COLONIAL: UMA ANÁLISE DE A *GERAÇÃO DA*  
*UTOPIA DE PEPETELA***

Relatório Final de Iniciação Científica  
apresentado à Coordenação de Pesquisa da  
Universidade Federal de Sergipe.

Orientadora: Profa. Dra. Jeane de Cássia Nascimento Santos

Itabaiana/Se

2017

## RESUMO

Amparado nos estudos de crítica pós-colonial e na discussão em torno da construção de identidade cultural pela via da teoria que embasa a pós modernidade, o presente relatório esboça a análise do romance *A Geração da Utopia*, do angolano Pepetela. Com primeira publicação nos anos iniciais da década de noventa, há na narrativa alusão a diferentes tempos da história de Angola. A primeira referência faz menção ao período colonial, o segundo ao período que marcou a Guerra de Independência (1961-1974) e, por fim, a terceira e quarta divisão temporal da obra alude aos desastrosos anos de guerra civil sucedidos pela conquista da emancipação política. Por meio das experiências obtidas por jovens idealizadores, o considerado “capitalismo tardio” é apresentado em uma frustrada ótica que desvela a contradição entre o discurso civilizatório, difundido pelos portugueses nos anos de expansão marítima, e os problemas gerados pela abertura dos países ao capital externo após independência. Com isso, a crítica ao colonialismo se mostra como um fenômeno histórico que não só foi vivido nos anos anteriores ao final da década de setenta, mas que permanece em um fluxo contínuo através das categorias de dominação. Desse modo, como fundamentação argumentativa, os escritos de Stuart Hall (2015), Thomas Bonnici; Maria Cevasco e Gisèle Fernandes (2009), ao lado Albert Memmi (1989) e Frantz Fanon (1997), serviram como principal base teórica para discutir acerca dos processos de controle político e ideológico, da construção de identidade e nacionalidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Crítica pós-colonial; Literatura africana de língua portuguesa; *A Geração da Utopia*; Pepetela.

## Sumário

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>5</b>
<b>2. OBJETIVOS .....</b>	<b>7</b>
2.1. Objetivo Geral.....	7
2.2. Objetivos Específicos .....	7
<b>3. METODOLOGIA .....</b>	<b>7</b>
<b>4. JUSTIFICATIVA DE ALTERAÇÃO NO PLANO DE TRABALHO .....</b>	<b>8</b>
<b>5. RESULTADOS E DISCUSSÕES .....</b>	<b>8</b>
<b>6. CONCLUSÕES .....</b>	<b>18</b>
<b>7. PERSPECTIVAS .....</b>	<b>19</b>
<b>8. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....</b>	<b>19</b>
<b>9. OUTRAS ATIVIDADES .....</b>	<b>20</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Tomando como base o amparo teórico presente no plano de trabalho: “Representações identitárias: literatura, história e memória nas narrativas de língua portuguesa”; a análise do romance *A Geração da Utopia*, do angolano Pepetela, foi feita a partir das marcações temporais que há na narrativa com o intuito de relaciona-las às fases vividas por Angola no processo de independência e de busca pela consolidação política. Como a noção de identidade, pluralidade e nacionalidade relacionam-se com os fundamentos dos estudos culturais e estes vislumbram os escritores que por muitos anos foram silenciados, buscamos promover uma leitura associativa entre os discursos pós-coloniais, a ideia de construção nacional por meio da perspectiva oferecida pelo colonizado, e a condensação dos elementos que representam a resistência através da obra pepeteliana.

Assim, nos transportando precisamente ao gênero literário que nos trouxe uma narrativa de perfil combativo, haja vista as críticas destinadas à antiga administração portuguesa e ao empresariado que começou a se firmar como herança de um passado de exploração, laboramos uma breve introdução ao surgimento do romance e a sua relação com a burguesia. Desse modo, marcados pelo interesse lucrativo que movia as transformações do séc. XVIII, através da continuidade das políticas expansionistas, a burguesia começou a atribuir a todo produto criado pelo homem um valor como meio lucrativo. De modo geral, as artes entram nessa relação de compra e venda, emergindo, assim, o romance, cuja construção evidenciará as experiências de um novo herói caótico, agora vislumbrado pela experiência individual, que conota o homem a partir de um arranjo político e social travestido de novo.

Diante disso, na diferenciação colocada por Georg Lukács (2000) entre a epopeia e o romance, o autor afirma que o segundo é “a forma da virilidade madura: isso significa que completude de seu mundo, sob perspectiva objetiva, é uma imperfeição, e em termos da experiência subjetiva uma resignação” (p. 71). Desse modo, o autor deixa bem claro que a existência de uma objetividade pura, conforme tentaram os realistas, é uma busca fadada e a natural abertura para evasão da subjetividade vai ser característica comum desse gênero que surge a partir das transformações sociais que estavam acontecendo após a ascensão da burguesia.

Na contramão dessa estruturação discursiva, as colônias já seguiam uma tradição literária vinda da oralidade e é a partir do contato com o colonizador que vai haver, portanto, a inserção de muitos elementos, possibilitando o adestramento da cultura europeia, bem como, a

troca. Nessa nova configuração, conforme colocado por Jean-Paul Sartre, prefaciando a obra *Os condenados da terra* (1997), de Frantz Fanon, a colônia vai servir como local de exploração, principal motivo que levou à chegada dos portugueses, mas servirá também como área de povoamento. Esse novo território de atuação “civilizatória” que estava estabelecido desde muitos anos na Europa vai fazer com que novas classes surjam, emergindo até mesmo uma nova burguesia de colonizados.

Desse modo, vemos nas literaturas africanas de língua portuguesa e, em especial, na obra de Pepetela a crítica ao processo de colonização e os resquícios deixados por ela, sendo esta uma marca presente no contexto de pós independência. Contrastando-se das literaturas coloniais, cuja característica principal é o ponto de vista adotado pelo homem branco como centro da narrativa, no texto africano há negação ao colonialismo e uma inversão ótica que, nesse caso, torna o homem protagonista da narração (FERREIRA, 1987). Sendo assim, como as literaturas coloniais estavam a serviço de uma ideologia dominante e era também uma das políticas de governo do período comandado por Antonio de Oliveira Salazar (1933-1974), o trabalho se dispõe a discutir a ascensão dessa produção como combate ao extenso período político centralizador e, sobretudo, ao imperialismo português.

Para Maria Elisa Cevasco (2009): “O trabalho da crítica [cultural] é evidenciar as ligações entre a forma social e a forma estética, as duas aspectos diferentes, porém não alheios, de uma mesma estrutura” (p. 323). À vista disso, a análise composicional do gênero romance, junto à observação das personagens, preenche as intenções de compreender a relação entre a literatura e outras ciências, a citar: história e sociologia. Como o romance faz alusão a tempos remotos da história angolana, faz-se necessário pontuar como a metaficção historiográfica utiliza referências emitidas pelo discurso oficial e reconta a partir de uma outra perspectiva (FERNANDES, 2009).

É no ponto trazido acima que nasce as consideradas “literaturas negras”, por meio do deslocamento e exclusão promovida pelas literaturas de autoria europeia, onde o centro narrativo é feito a partir da supervalorização do homem branco. Dentro desse prisma, Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos, conhecido tão somente por Pepetela, é um dos grandes escritores angolanos que promove em suas obras a reflexão em torno da história do país e os problemas sociais enfrentados por uma população que ainda luta para superar as desigualdades. Na obra analisada, além dessas questões, são levantadas críticas a respeito da

formação dos grupos que lutaram a favor da independência, bem como da política que se estabeleceu nos anos posteriores à década de setenta.

## **2. OBJETIVOS**

### **2.1. Objetivo Geral**

Na primeira fase do projeto, buscamos articular uma leitura associativa entre a obra escolhida para análise e as leituras teóricas que versam sobre crítica pós-colonial. Na segunda e última divisão, exploramos mais dois autores, Albert Memmi (1989) e Frantz Fanon (1997), cujo material segue um perfil teórico anticolonial.

### **2.2. Objetivos Específicos**

- Leitura do romance *A Geração da Utopia* (2013), com a finalidade de utilizá-lo como corpus da pesquisa;
- Ler, analisar e comparar textos teóricos que trabalham com questões relacionadas à construção da identidade cultural;
- Analisar como os textos literários serviram de ponte para disseminação da ideologia dominante e como surgiu uma produção de resistência a esse retrato;
- Observar e conceituar as fronteiras delimitadas existentes entre as literaturas coloniais e as literaturas africanas de língua portuguesa;
- A partir das marcações históricas da narrativa, compreender como os discursos são, portanto, influenciados, principalmente, pelo tempo e espaço;
- Propiciar reflexões a respeito do contexto histórico e social de Angola no período colonial e no pós independência.

## **3. METODOLOGIA**

No primeiro momento da pesquisa, a metodologia do nosso plano de trabalho esteve centrada na escolha e leitura da obra literária que serviria como corpus para estudo. Antes disso, foi assegurado pela orientadora a possibilidade de continuar trabalhando com o gênero conto, em continuidade ao trabalho desenvolvido no período de pesquisa anterior, sob mesma indicação. No entanto, como a escolha do gênero romance foi feita, articulamos em conjunto a

busca por autores que preenchem o quadro da vasta literatura produzida nos países africanos de língua portuguesa.

A partir de um aparato breve, a decisão pelo autor Pepetela se deu devido à militância do escritor, enquanto ser politicamente engajado, e, sobretudo, por preferência particular nas múltiplas questões ligadas à Angola. Vale notar que essa inclinação foi alimentada devido ao contato amplo obtido através do ano anterior de pesquisa. Desse modo, após a leitura, houve reunião para discutir as primeiras impressões e, com isso, o repasse de textos teóricos para embasar futuras análises, estes encontram-se esmiuçados no tópico “resultados e discussões”. Vale ressaltar que todas essas etapas da primeira fase do projeto foram feitas sob orientações regulares, presencialmente e via *e-mail*.

Feito o relatório parcial, foi inserida a leitura de *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador* (1989), de Albert Memmi, bem como, *Os condenados da terra* (1997), de Frantz Fanon, além de referências bibliográficas adicionais para preencher as discussões que retomam o estudo do gênero literário, a sua formação no território angolano, e sobre a segmentaridade como mecanismo colonialista. Assim, entendemos como o processo de colonização é anterior ao sistema político comandado hoje pelo imperialismo americano e europeu, mas foi essa forma expansiva de dominação, iniciada no séc. XV e XVI, que ofereceu subsídios no fortalecimento de um processo chamado “neocolonialista” vivido desde o início do séc. XX até os dias atuais (FERREIRA, 2014). Em vista disso, com a somatória dos textos teóricos e com análise do romance, nosso principal objeto de estudo, fechamos a última etapa com a finalização do relatório final.

#### **4. JUSTIFICATIVA DE ALTERAÇÃO NO PLANO DE TRABALHO**

Não houve alteração no plano de trabalho.

#### **5. RESULTADOS E DISCUSSÕES**

No enredo do romance *A Geração da Utopia*, do angolano Pepetela, há uma divisão de quatro períodos históricos marcados por diferentes títulos. O primeiro corresponde ao início dos anos 60 em Portugal, onde “A Casa” corresponde à Casa dos Estudantes do Império, um espaço que serviu de abrigo para universitários das ex-colônias portuguesas,

desde 1944, ano de fundação, a 1965. Nesta primeira divisão do romance, nota-se uma apresentação inicial das personagens, em um período longo e repressor da história política portuguesa, em condições de hibridismo.

Centrado no breve relato dos jovens estudantes, o narrador que representa o descompasso do mundo pós-moderno, segundo as ponderações de Giséle Fernandes (2009), faz uso de variadas técnicas ao contar a estória. Desse modo, a narração não é feita de um ponto fixo, existe, no entanto, uma transição contínua de um narrador observador e onisciente que tem acesso ao íntimo das personagens, assumindo até mesmo as formas dessas. Isso possibilita, portanto, a construção de múltiplas vozes em uma narrativa dinâmica que só apresenta pausas por meio da divisão temporal presente na obra.

Constituído nesse formato, a primeira divisão apresenta-nos um aparato de diversas personalidades, a destacar: Sara, figura feminina importante na exibição dos discursos pós-coloniais; Aníbal e Laurindo, retrato de jovens idealizadores marxistas; Elias, leitor assíduo dos escritos de Frantz Fanon; Vítor, ainda jovem, mas crente na independência das colônias e união das nações; Marta e Malongo, representações que configuram o descrédito na política; e, por fim, Horácio, poeta e leitor da literatura produzida no Brasil.

Além dos nomes citados acima, são apresentadas outras personagens que compõe as relações sociais da malta na “Casa”. É importante destacar que há uma preocupação constante, nesse primeiro momento, de abordar os nomes seguidos da postura política exercida na metrópole. Desse modo, faz-nos refletir sobre a construção ideológica dessa geração que se encontrava em formação híbrida de identidade cultural. No ponto trazido, é relevante trazer à tona as considerações de Stuart Hall, em sua abordagem pós-moderna, a respeito dessa formação nacional nos anos pós-tomados ao fim da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Assim sendo, o sociólogo pontua:

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado [...]. Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceitualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. [...] A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. (2015, p. 11 e 12).

Consoante a essa fragmentação do sujeito e a construção da identidade nacional, a condição das personagens, de modo essencial, já mostrava uma quebradura, contrariando a afirmação de um sujeito estático materialmente. Sendo assim, as identidades dos jovens já se apresentam em condições mescladas de influências culturais, analisado de modo subjetivo,

pois havia o confronto entre a política nacionalista que começava a se fortalecer e a imposição europeia na determinação dos seus “valores civilizatórios”. Em condições materiais, todos eles eram colonizados e isso os deixavam em desprestígio em relação aos colonos, ainda mais por estarem em território do dominante (MEMMI, 1989).

As circunstâncias de segmentação identitária, portanto, foi motivada pelo processo de colonização sofrido em seus espaços de origem e pela saída da terra natal para a metrópole. Como podemos perceber na história de Sara, quando o narrador revela: “Nascida em Benguela, [...], viera há quase seis anos para Lisboa estudar Medicina. [...] Tragou com avidez todas as impressões, tentou fixar a cor vermelha da terra e o contraste com o azul do mar, o arco apertado da baía e o verde da Ilha” (PEPETELA, 2013, p.11).

Essa formação heterogênea feita em dois espaços geográficos distintos não está presente somente na vida e trajetória da personagem citada, mas em todos os jovens estudantes que se faziam presentes no centro da administração colonial. Ainda no tocante a essa formação da identidade nacional, o estudioso jamaicano pontua como a criação da ideia de povo e nação se faz arquiteturalmente pensada e de quais formas isso acontece através de um “sistema de representação”.

O esquema é feito a partir de cinco elementos, estes considerados principais. O primeiro é de construção de uma narrativa da nação, onde “ela dá significado e importância à nossa monótona existência, conectando nossas vidas cotidianas com um destino nacional que preexiste a nós e continua existindo após a nossa morte” (HALL, 2015, p. 31). Após a criação e popularização dessa narrativa, faz-se necessário enfatizar as origens, continuidade e atemporalidade dos fatos, para que, assim, não exista o apagamento daquilo que foi concebido como próprio da identidade do povo, esse processo visto como o segundo na seleção feita pelo teórico.

O terceiro elemento faz referência à criação de uma tradição que une valores simbólicos, ou seja, um patrimônio imaterial. O quarto e quinto dizem respeito à narrativa que relata a fundação da nação, em outras palavras: o estabelecimento de um “mito fundacional” que represente o povo. A utilização desses recursos faz com que exista a ideia de traços que definam a identidade do sujeito ligado à cultura do seu espaço.

Com vista nessas ponderações, não é sem propósito que muitos mitos fundadores e expansionistas<sup>1</sup> caracterizam a imagem de Portugal como sendo um país indissolúvel e forte na economia europeia desde o século XV, no considerado “capitalismo remoto”, devido ao sistema de colonização e, por conseguinte, de exploração nas colônias africanas. Desse modo, inseridos em um contexto de uma forte política nacionalista, o governo autoritário e de poder centralizador supremo, Estado Novo (1933-1974), comandado por Antonio de Oliveira Salazar, utilizou dessas narrativas, presentes na memória coletiva, para fundamentar e garantir a sua política de governo.

Assim, em uma breve explanação do contexto histórico do período, na visão de Benjamin Abdala Júnior (1990), o Estado Novo representou “a institucionalização da ditadura, de acordo com o modelo corporativista do fascismo. [...]. Não foi permitida a organização de qualquer força de oposição e o Estado gradativamente hipertrofiou o seu poder” (p. 155). Nos meios de comunicação e na produção artística, o controle permaneceu presente, como o estudioso reitera:

A censura foi exercida sobre todos os meios de comunicação. Quando não ocorria censura direta, havia a autocensura. Não se fez concessões a setores embrionários de oposição. E o conservadorismo e o totalitarismo chegaram a níveis desmedidos que geraram disseções internas dentro do próprio regime. Também em relação a elas Salazar foi inflexível. (ABDALA JR, 1990, p. 156).

Atrelado ao quadro repressor apresentado acima, como a primeira divisão do romance corresponde marcadamente a 1961, vemos a presença constante da censura do governo salazarista vivida pelos jovens. Sendo assim, a personagem Sara, vivendo na metrópole e sem notícias da família na colônia, reflete:

O que se passa realmente na terra? O que é verdade e o que é propaganda do regime? E como estão os pais lá, confrontados com uma guerra? Pois é duma guerra que se trata, diga o governo o que disser. As notícias enchiam as páginas dos jornais, mas informações eram poucas. A censura estava a trabalhar a triplo vapor, as tesouras nunca funcionaram tanto como agora. Os jornais enchiam-se de discurso patrioteiros, Portugal é uno e indivisível, de declarações de apoio ao regime, mas pouco de concreto sobre os acontecimentos. (PEPETELA, 2013, p. 14).

Como característica própria do regime totalitário do “Estado Novo”, muitos foram os países que inseriram essa política de governo na Europa, bem como no Brasil, partindo para as ditaduras instauradas em praticamente toda a América Latina. Neste último caso, a força política, motivada pela econômica, dos Estados Unidos da América (EUA) foi importante nas

---

<sup>1</sup> São variados mitos que povoam o imaginário coletivo português, conquanto como foi citado a importância dessas narrativas para construção da identidade nacional, faz-se importante exemplificar mito que marque a fundação: “O milagre de Ourique”; e o ideal de expansão: “O mito do Eldorado”, cuja fundamentação foi utilizada por toda Europa no processo de colonização.

decisões tomadas na América do Sul. A força dos EUA, nos anos pós-tomados a segunda metade do séc. XX, fez pressionar o Brasil e países vizinhos a adotarem esse sistema político devido ao receio da força da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e, por fim, da ascensão de alguns líderes comunistas pelo mundo, em especial, o líder comunista Fidel Castro em Cuba no contexto da América Latina.

Enquanto isso, a presença ideológica dos meios de propriedade e produção coletiva se fazia presente nos ideais de independência política das colônias. Concordante a isso, Aníbal examina:

Os comunistas são os únicos que têm uma organização eficaz. Dominam o movimento estudantil e podem ter a certeza que os estudantes não fazem nada sem o seu apoio ou pelo menos o seu aval. [...]. Os movimentos anticoloniais que foram surgindo, mesmo que independentes, foram sempre mais ou menos camufladamente encorajados por eles. Numa base de trabalho unitário, o importante era derrubar o fascismo em Portugal e o problema das colônias resolvia-se automaticamente. (PEPETELA, 2013, p. 57).

A forte presença ideológica marxista-leninista nos grupos atuantes que representavam a luta pela independência das colônias seguia cada vez mais firme. Há comprovações dessa intertextualidade em toda obra, no entanto, ao discutir as diferenças teóricas entre a formação da União das Populações de Angola (UPA) e o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), bem como na menção feita entre os guerrilheiros durante o período da Guerra de Independência de Angola (1961-1974); ao citar “camarada”, essas são exibidas de modo mais evidente.

Vemos, portanto, como as opiniões na malta se dividia em relação à atuação da UPA e MPLA, conforme segue o excerto na fala de Laurindo: “Os portugueses, mesmo de esquerda, estão a reagir como brancos. Os nacionalistas das colônias para eles são terroristas. Claro que a UPA estragou as coisas com esses ataques sanguinários” (PEPETELA, 2013, p. 37). A UPA, vista como um grupo mais radical, tinha adesão apenas de Elias que, ao citar Frantz Fanon, afirma não existir descolonização sem o uso da violência. No que diz respeito à presença da sangria e o processo de consolidação da independência, ponderamos a seguinte visão:

A descolonização é sempre um fenômeno violento. Em qualquer nível que a estudemos [...] a descolonização é simplesmente a substituição de uma “espécie” de homens por outra “espécie” de homens, sem transição, há substituição total, completa, absoluta. (FANNON, 1997, p. 25).

Contra esses dois grupos e ao lado da força repressora do governo salazarista, tínhamos em Portugal e na supervisão das colônias, a Polícia Internacional e de Defesa do Estado (P.I.D.E). Através dos relatos e impressões trazidas na narração, há uma atmosfera de tensão constante sentida pelos jovens em relação à interpelação dessa corporação vigilante. Podemos comprovar esse monitoramento nas cartas de advertência que Sara recebia ao falar publicamente, na supervisão da Casa dos Estudantes, nos espaços públicos e privados, bem como no ato de 1º de maio. Este manifesto tinha como principal motivação o combate ao capitalismo, onde a juventude e trabalhadores foram às ruas para protestar contra a exploração e guerra vivida nas colônias, conforme o narrador exibe:

A manifestação era formada por jovens. Na linha da frente, havia um ou outro homem mais velho, com aspecto operário, orientando as palavras de ordem. [...] Quando desembocavam no Rossio [...] alguém gritou Abaixo a Guerra Colonial, Independência para as Colónias. [...] A manifestação descia de novo para o Rossio. Foi então que apareceu a Guarda Nacional Republicana, a cavalo, saída do seu Quartel do Carmo. [...] A Guarda Republicana começou a distribuir as porrinhas de cima dos cavalos e a manifestação dispersou-se numa balbúrdia, todos tentando meter-se pelas vielas ou nas portas das casas do Chiado. (PEPETELA, 2013, 33 e 34).

Nota-se no fragmento trazido acima a ação repressora da P.I.D.E nas manifestações de rua ocorridas em Portugal na década de sessenta. Ainda referente à primeira divisão histórica da obra, a heterogeneidade étnica é um traço marcante nas análises de Sara ao registrar a presença de jovens africanos na metrópole e a insistência de uma hierarquização racial criada, onde os brancos ainda eram privilegiados se comparado com os negros. Assim, a personagem expressa: “Português puro nunca existiu, sempre foi um mestiço. E agora vem com racismos, bardamerda”. (PEPETELA, 2013, p. 70).

Thomas Bonnici (2009) atesta que “historicamente pode provar que a constituição étnica de países europeus é tão mista quanto a de qualquer outra comunidade heterogênea”. (p. 275). Desse modo, podemos concluir que a análise de Sara em relação à homogeneidade étnica em que os portugueses insistiam em propagar não passava de uma construção ideológica de supremacia racial que persistiu até mesmo na política de governo salazarista.

Na continuidade do romance, a segunda divisão, intitulada “Chana”, faz referência ao início dos anos 70. A conhecida e sangrenta Guerra de Independência de Angola (1961-1974) é registrada através da ótica de dois principais personagens: Sábio e Mundial, ambos correspondentes a Aníbal e Vítor com mais anos de experiência. Vemos nessa transição temporal como o gênero romance consegue abranger a complexidade do sujeito na exibição

de mudanças da identidade. Assim, conforme Anatol Rosenfeld (2014) afirma: a personagem de um romance [...] é sempre uma configuração esquemática (p. 33).

Com vista nas possibilidades de construção da personagem, podemos considerá-las esféricas, por que, segundo as considerações de Antonio Candido (2014), essas se caracterizam por ter “três, e não duas dimensões; de serem, portanto, organizadas com maior complexidade e, em consequência, capazes de nos surpreender” (p. 63). É possível acompanhar as transformações e amadurecimento deles no decorrer da narrativa. Em decorrência disso, a segunda divisão do romance exhibe como aconteceu as guerrilhas na perspectiva de quem participou da luta armada contra a força militar portuguesa em território angolano.

Algumas das impressões e dificuldades vividas na guerra distanciam-se dos relatos vistos na história oficial, esta concebida como uma narrativa que busca apresentar verdade única. No entanto, diante dessa afirmação e das proposições dos discursos pós-coloniais, faz-se necessário questionar: a história oficial é narrada na perspectiva de quem e a quem essa narrativa privilegia? É nesta indagação que se situa o interesse da metaficção historiográfica, pois o seu conceito “refere-se às ficções que se baseiam em fatos históricos, mas em que há uma reavaliação do passado, apresentando múltiplas perspectivas para análise da História de um país” (FERNANDES, 2009, p. 304).

À vista da passagem trazida, a metaficção historiográfica tece a história através de uma outra ótica, muitas vezes silenciada pelo discurso oficial. Nesse caso, temos dois guerrilheiros que lutam pela independência do país como protagonistas da narração. Partindo para o título, “chana” significa planície ampla em vegetação rasteira e termo angolano, cuja referência faz alusão à região leste de Angola.

Há, portanto, menção feita a um espaço geográfico que amparou as guerrilhas, todavia, há impressões diversas desse espaço, como segue o excerto: “Para uns, os otimistas talvez, a chana é um terreno coberto de capim rodeado por uma floresta; para outros, os pessimistas, a chana é um terreno sem árvore que cerca uma floresta” (PEPETELA, 2013, p. 143).

No decorrer da narrativa, nota-se que essas dessemelhanças de noções do espaço são dadas pelas experiências do sujeito. Na continuidade, a descrição é rica em detalhes ao descrever o guerrilheiro e seus aparatos, como segue o fragmento:

O homem tem uma arma, uma Kalashnikov soviética, apoiada no ombro esquerdo. Um boné verde oculta-lhe o abundante cabelo encarapinhado. A barba farta termina em duas pontas no queixo. Os olhos são grandes, muito brancos, realçados pelos sinais duma noite mal dormida. Veste uma farda camuflada e calça botas militares. Do cinturão está pendente uma bolsa-cartucheira para os carregadores de reserva, do lado direito. Mais atrás, uma corda enrolada. Do lado esquerdo, o cantil e o punhal adaptável à arma. Na parte da frente do boné está espetado um emblema oval, onde se nota um facho aceso empunhado por uma mão negra: o homem é um guerrilheiro. (PEPETELA, 2013, p. 144 e 145).

Assim como é apresentada a descrição dos guerrilheiros, a exposição dos militares também é feita ao lado das técnicas de atuação. A resistência à fome, a falta de espaços propícios para descanso, inexistência da mulher como companhia e satisfação pessoal, a cobrança popular, a inexperiência de companheiros e, por fim, desarticulação do grupo são problemas enfrentados e relatados durante toda segunda divisão da narrativa. Além disso, o antigo conflito entre prática e teoria é problematizado pelas personagens. Vemos, portanto, como a “práxis” continua presente nas discussões em torno da revolução feita pelos jovens idealizadores.

Problematizado também pelo filósofo Karl Marx e Friedrich Engels (1999), a união entre a prática e teoria é o centro da discussão presente em seus estudos. Para os autores, não existe fundamentação prática sem haver a instrução teórica, todavia, o ponto principal da questão é a realização de ambas de modo concomitante. Assim, o narrador ao descrever as motivações que levaram Vítor à luta é pontual, quando afirma: “Estava farto de ouvir as mesmas discussões sobre tal texto de Marx ou Lênin, cânones sagrados que era preciso saber interpretar a cada momento. Por isso veio para luta”. (PEPETELA, 2013, p. 159).

Diante dessas considerações, o antagonismo entre os interesses e grupos não acontecia somente entre metrópole e colônia, mas entre os próprios movimentos que lutavam por um denominador comum: a independência política. Assim como já fora citado anteriormente, a divisão entre UPA e MPLA fica ainda mais nítida, quando o narrador apresenta o perfil dos guerrilheiros que ficavam ao norte e os demais que ficavam ao leste.

Os desacertos entre Sábio e Mundial conotam bem esse quadro, motivados por diferenças territoriais, de fundamentação teórica, bem como culturais, como afirma o primeiro jovem citado em discurso direto: “– Não podes ver! Essa é a nossa diferença. És do Norte e inconscientemente defendes os teus. Problema cultural”. (PEPETELA, 2013, p. 178).

As contradições entre a maneira como os guerrilheiros e militares eram tratados durante a guerra são levantadas constantemente na fala de Mundial, ao analisar os motivos

que estavam levando muitos “camaradas” a abandonar a luta. Ele afirma: “Um caminhão entra no posto. Chegam-lhe ao ouvido exclamações de alegria, deve trazer comida e vinho, sacanas, comem e bebem do melhor, assim é fácil fazer guerra” (PEPETELA, 2013, p. 193); essa passagem mostra como havia a preocupação da administração portuguesa em manter seguros e acomodados os militares na colônia.

Diante dessas reflexões e, em especial, da situação de emboscada vivida por Vítor, alcunhado de Mundial pela tropa, vemos uma tentativa de abandono na guerra, no entanto a sua decisão em se manter continua, quando consegue sair a salvo como herói. A contradição da personalidade da personagem é desvelada, quando em discurso direto ele afirma que combateria o inimigo, todavia, pensava em se entregar e partir para o lado do opressor. Essa circunstância comum na vida dos guerrilheiros é configurada através do exemplo de Mundial e questionada após a Independência de Angola (1975), pelos interesses político partidários.

De modo comparativo, a figura de Mundial traduz o “complexo de dominação”. Conforme mencionado, a exibição dos interesses individuais e as dessemelhanças do UPA, depois intitulada Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA), e MPLA já anunciam o que posteriormente desencadearia os anos de Guerra Civil (1975-2002), ou seja, a disputa pelo poder e o interesse em protagonizar a nova política nacional. Nesse processo, o romance apresenta uma linha tênue de desilusão da fundamentação da guerra e dos supostos novos caminhos que levaria a nação; uma contrariedade para a geração que sonhou com a construção da autonomia, soberania e união entre as nações.

Nas duas últimas divisões do romance, o marco temporal alude aos anos póstumos à independência política do país. Os títulos “O Polvo” e “O Templo” envolvem o início da década de oitenta até os anos noventa. Voltando-se para história oficial, Angola viveu, desde a sua independência política até os anos dois mil, uma longa e desastrosa guerra civil. Marcas desse período são apresentadas no romance de forma engenhosa, visto que Aníbal, frustrado com os caminhos tomados pela nação, decide viver afastado de toda a modernização que Angola começara ter. Entrecortado entre o desfecho da vida das personagens e a situação político-social do país, o narrador evidencia cinco personalidades: Sara, Aníbal, Vítor, Malongo e Elias.

Todos ligados pelo período vivido na metrópole e pela dedicação aos anos de luta pela independência, exceto Malongo. Na parte final do romance há um descrédito de Aníbal ao conceber a modernização como um meio de progresso. O seu exílio configura as mudanças

de costume de um ex guerrilheiro que passou a ser um simples pescador anônimo. O seu comportamento é questionado até mesmo pela antiga amiga e agora companheira Sara, ao analisar: “– Deves concordar que a tua desapareção da cena política surpreendeu muita gente. Ofereceram-te vários cargos, ao que constou. O Vítor disse-me que até de para ministro. [...] Depois de uma vida inteira de luta” (PEPETELA, 2013, p. 243).

Com posições marcadamente contrárias a postura política de Vítor, Aníbal assume o posto de narrador e faz análises do contexto social e críticas à entrada de outras nações para explorar a terra, bem como, ao aproveitamento da política como meio de promoção e enriquecimento individual. Essa falta do pensamento coletivo que outrora foi base para tornar livre o país da direção administrativa portuguesa perdeu-se antes mesmo da conquista, pois, segundo Aníbal: “A um momento dado, mesmo que muito breve nalguns casos, fomos puros, desinteressados, só pensando no povo e lutando por ele. E depois... tudo se adulterou, tudo apodreceu, muito antes de se chegar ao poder”. (PEPETELA, 2013, p. 245).

Vemos como há um descrédito na atual conjuntura política e comportamental dos representantes do período na fala de Aníbal. Em uma análise comparativa, muitos autores problematizaram a ideia utópica da autonomia governamental e o sistema de governo representativo. No Brasil, temos o notável exemplo do escritor Machado de Assis; em Portugal, por sua vez, Eça de Queirós em uma das suas obras mais conhecidas, *O Primo Basílio*, publicado em 1878, questiona o sistema de nomeação a cargos públicos, quando é dito por Julião, personagem do romance: “nessas questões a ciência, o estudo, o talento são uma história, o principal são os padrinhos!” (QUEIROZ, 2001, p. 240).

Concomitante a essa afirmação, as análises de Aníbal não centram somente na nomeação e privilégios oferecidos pelo governo aos ex combatentes que exerciam alguma função de comando, mas faz críticas à falta de suporte concedida aos guerrilheiros que saíram afetados fisicamente da guerra e, sobretudo, à pouca preocupação dos governantes em relação aos problemas gerados pelo sistema de propriedade e produção do “capitalismo tardio” imposto em Angola. De acordo com o imediatismo proposto por esse sistema, a sociabilização fica dependente do consumo, assim, a ideia de modernização gera a segregação, pois nem todos podem participar desse ciclo comercial imposto (FERNANDES, 2009).

O isolamento daqueles que não podem aderir às novas exigências acaba gerando a exclusão, com isso, novas formas de pobreza e racismo. Sendo este último uma das categorias

levantadas por Memmi (1989) no controle da metrópole e no desenvolvimento da política feito pelo colonialista, ou seja, do colono que se aceita enquanto agente contribuinte no processo de exploração. Desse modo, a crítica aos novos caminhos rentáveis instituídos pela independência corresponderá principalmente à última divisão da narrativa, onde a construção de um templo religioso, comandada por Elias, Vítor e Malongo, conota o enriquecimento de um grupo seletivo através da alienação do povo. Frente a uma população que enfrentava uma guerra e resquícios deixados por ela, as impressões de Malongo são precisas, quando relata a sua passagem no centro urbano:

Logo mudou de pensamento, ao ver as pessoas, sobretudo crianças, que se aglomeravam na lixeira, procurando restos de comida, roupa, ou coisas que pudessem ser vendidas, disputando-as com os ratos e aves. Essa lixeira antes era pequena e a zona não estava ocupada. Mas o crescimento da cidade, agora era quase no centro, mesmo ao lado do bairro diplomático. Quando o vento soprava do norte, o cheiro pestilento invadia as embaixadas. Uma vergonha. As pessoas se moviam por cima do lixo fumegante, tão sujas como a própria lixeira. E os bairros tinham rodeado a lixeira, para mais perto respirarem os miasmas que dela emanavam. (PEPETELA, 2013, p. 362).

Tomando como suporte a análise de Fannon (1997) em relação à colonização e a visão lucrativa destinada ao continente africano, em que ele afirma que “depois de uma fase de acumulação do capital, impõe-se hoje modificar a concepção da rentabilidade de um negócio. As colônias converteram-se num mercado. A população colonial é uma clientela que compra” (FANNON, 1997, p. 49), podemos perceber como existe uma graduação da política expansionista que se desenvolve até mesmo no período de pós independência. Desse modo, na citação do texto literário, vemos a crítica direta aos problemas enfrentados pela população angolana, de um quadro ainda de degeneração social e, portanto, neo colonial.

## 6. CONCLUSÕES

Por fim, observamos como as produções no contexto colonial de Angola sofreram a forte imposição imperialista da metrópole, quando citamos as diversas tentativas de silenciamento impostas pela administração portuguesa. Com isso, uma literatura de resistência começou a se formar e romper fronteiras antes postas. Nessa conjuntura, as produções de Pepetela, já no período de pós independência, recebem um reconhecimento notório, sobretudo, pelo engajamento estético, do fazer literário, bem como, da postura política de combate presente em suas obras, especificamente, *A Geração da Utopia*. Diante do exposto, através da arte, retornamos para o real e, como ciência autônoma, a literatura pode

problematizar, bem como, promover possíveis diálogos entre as diversas áreas, contribuindo, assim, para investigação do passado e, uma possível (re)construção da memória coletiva.

## 7. PERSPECTIVAS

Diante da finalização do projeto de pesquisa e das discussões levantadas no decorrer da análise da obra *A Geração da Utopia*, notamos como a literatura vai servir como ponte para viabilizar os discursos silenciados por muitos anos pelo sistema colonial. Nessa perspectiva, a crítica ao próprio sistema de dominação e aos rumos tomados pela nação já no contexto de pós independência vão ser temas frequentes nos escritos de Pepetela, se compararmos, por exemplo, a obra estudada com *Mayombe*, com primeira publicação em 1979, e *Predadores* (2005).

É muito frequente na produção pepeteliana encontrar elementos que retomam as posições antagônicas entre o colonizador *versus* colonizado, construindo o que poderíamos chamar de uma “literatura de combate”. Todavia, o que se apresenta como inovador, dentro dessa busca pela construção das identidades angolanas que o autor se insere, será as múltiplas vozes trazidas no texto e as diferentes visões dadas à colonização, bem como, ao processo de independência. Com isso, uma leitura diversificada do processo nos é apresentada, resultando no desejo de prosseguir estudando a sua obra.

## 8. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ABDALA JR, Benjamin. *História social de literatura portuguesa*. São Paulo: Ática, 1990.

BONNICI, Thomas. **Teoria e crítica pós-colonialistas**. In: *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Org: Thomas Bonnici, Lúcia Osana Zolin. 3º ed. rev. e ampl. Maringá: Eduem, 2009.

CANDIDO, Antonio. In: \_\_\_\_\_. et al. *A personagem de ficção*. 13º Ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

CEVASCO, Maria. **Literatura e estudos culturais**. In: *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Org: Thomas Bonnici, Lúcia Osana Zolin. 3º ed. rev. e ampl. Maringá: Eduem, 2009.

FANNON, Frantz. *Os condenados da terra*. Civilização brasileira: Rio de Janeiro, 1997.

FERNANDES, Giséle. **O pós-modernismo**. In: *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Org: Thomas Bonnici, Lúcia Osana Zolin. 3º ed. rev. e ampl. Maringá: Eduem, 2009.

FERREIRA, Manuel. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. São Paulo: Ática, 1987.

FERREIRA, Andrey. **Colonialismo, capitalismo e segmentaridade: nacionalismo e internacionalismo na teoria e política anticolonial e pós-colonial**. *Revista Sociedade e Estado*. UnB – Universidade de Brasília, v. 29, n. 1. p. 225-288, jan./abr., 2014.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*: tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

LUKÁCS, Georg. 1885-1971. *A teoria do romance*: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas Cidades, 2000.

MARX, K. H. ENGEL, F. *O Manifesto Comunista*. Ed. Ridendo Castigat Mores, 1999. Fonte Digital (www.jahr.org) [E-book].

MEMMI, Albert. *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*. Trad. Roland Corbisier e Mariza Coelho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

PEPETELA. *A geração da utopia*. São Paulo: Leya: 2013.

QUEIRÓZ, Eça. *O primo Basílio: episódio doméstico*. Ed. comentada e anotada por Paulo Franchetti. São Paulo: Ateliê editorial, 2001.

ROSENFELD, Anatol. In: CANDIDO, Antonio. et al. *A personagem de ficção*. 13º Ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

## 9. OUTRAS ATIVIDADES

Em 23 de agosto de 2016, apresentamos o trabalho: O colonialismo em “Nós matamos o cão-tinoso”; na sessão comunicação do VII Seminário Nacional Literatura e Cultura – SENALIC. O artigo completo está disponível para download nos anais do evento em: <<https://www.sigaa.ufs.br/sigaa/verProducao?idProducao=750761&key=21f46fcd6876b3bb3f67be4ecdd8c2f9>>.

Em 19 de setembro de 2016, baseado no conto “Negrinha” de Monteiro Lobato, em coautoria com Iasmim Santos Ferreira, Daynara Côrtes aplicou a oficina de leitura e teatro, cujo título é: “Desconstruindo os estereótipos”; com crianças e adolescentes residentes na “Casa Lar”; polo situado em Nossa Senhora da Glória/SE.

No 26º Encontro de Iniciação Científica (EIC) da Universidade Federal de Sergipe (UFS), apresentamos em comunicação oral o relatório de pesquisa de agosto a julho de 2016. Como resultado da apresentação, recebemos do conselho pedagógico e acadêmico da instituição o 3º lugar no “Prêmio Destaque” como desenvolvimento de pesquisa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). O resumo do trabalho está disponível para download no seguinte link: <[http://pesquisapos.ufs.br/uploads/page\\_attach/path/1803/26\\_\\_EIC\\_2016\\_anais\\_iniciacao\\_cientifica\\_book.pdf](http://pesquisapos.ufs.br/uploads/page_attach/path/1803/26__EIC_2016_anais_iniciacao_cientifica_book.pdf)>.

Em 9 de novembro de 2016, houve a participação na atividade de extensão “Cine Cebola (IV Semana Científica de Ciências Biológicas de Itabaiana - SEBITA)”; promovida pela Universidade Federal de Sergipe (UFS) campus Profº Alberto Carvalho.

Em continuidade, já em 2017, houve o ingresso de Daynara Côrtes como voluntária no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Extensão (PIBIX), no plano de trabalho: Blog de sequência didáticas, oficinas e projetos pedagógicos de Língua e Literaturas Língua Portuguesa, sob coordenação da profa. Dra. Marcia Regina Curado Pereira Mariano.

Ainda em janeiro do corrente ano, aconteceu o lançamento do livro virtual *Formação docente e práticas pedagógicas em questão*, organizado por Gicélia Mendes, Leiliane Silva e Maria Soares, cujo artigo “O trabalho de leitura oral: as questões étnicorraciais em sala de aula, em coautoria com Derli Oliveira, Marilene Almeida, Marta Silva e Vanessa Santiago, compôs o material. Desse modo, o livro se encontra disponível no link: <[https://drive.google.com/file/d/0BwhjwnVBT\\_AGemhqZWR2RXg3SHM/view](https://drive.google.com/file/d/0BwhjwnVBT_AGemhqZWR2RXg3SHM/view)>.

Dando continuidade, ainda nos meses iniciais de 2017, Daynara Côrtes publicou duas sequências didáticas, a primeira: “Desconstruindo os estereótipos em sala de aula”; e a segunda: “Desvelando o termo Pixaim em sala de aula”; ambas em coautoria com Iasmim Ferreira, no blog Língua Dinâmica: ideias e sugestões para o ensino de Língua e Literatura Portuguesas. É possível encontrar no link da plataforma, como segue: <<https://linguadinamica.wordpress.com/>>.

Em 30 de janeiro, publicou o artigo de opinião “O espaço de fala da mulher: uma conquista”, texto inaugural da coluna Diversidade e Alteridade no portal Mais Sertão, presente em: <<http://maissertao.com.br/o-espaco-de-fala-da-mulher-uma-conquista/>>. Na sequência, no mesmo sítio eletrônico, tornou público mais um material, cujo título é: “O

empoderamento feminino e o lucro das indústrias”, no acesso: <<http://maissertao.com.br/o-empoderamento-feminino-e-o-lucro-das-industrias/>>, com um caráter feminista na perspectiva classista e interseccional. Por sua vez, em 2 de março, houve a publicação de mais um artigo de opinião na coluna com o título: “Privatização: um abismo”, disponível em: <<http://maissertao.com.br/privatizacao-um-abismo/>>.

Em março de 2017, teve o ingresso nas atividades correspondentes à representação discente como titular no conselho e colegiado de curso no Departamento de Letras de Itabaiana (DLI).

Já em maio de 2017, houve no II Encontro Sertanejo de Escritores e Leitores, realizado em São Miguel do Aleixo/SE e organizado por Edivan Santtos, o lançamento do livro físico do evento, em que o conto “Em tempos de Guerra”, de autoria, compôs o volume.

No seguimento das atividades correspondentes aos meses iniciais de 2017, ainda em maio, Daynara Côrtes participou do Seminário da XIII Feira Junina do Colégio Monteiro Lobato como membro avaliador da mesa julgadora.

Por fim, no mesmo mês, vivenciou a experiência de participar do I Café Literário da Faculdades Integradas de Sergipe (FISE), sob a temática “Educação pública e diversidades: africanidades e culturas indígenas, como palestrante com a fala de título: Narrativa pepeteliana: possível diálogo entre literatura, história e política.